

reflexões

SÔBRE A UTILIDADE DA ARTE

por CORIOLANO FERREIRA

Na «Revista de Portugal» o sr. dr. João Gaspar Simões escreveu que era inútil a arte. Dêsse seu «Discurso» eu tiro as afirmações capitais e delas me sirvo — bem ou mal — para demonstrar o contrário:

//

«A felicidade social só se alcança na paz, na ordem, na vida calma e disciplinada.»

Mas a paz, a ordem e a calma têm de ser conscientes, têm de ser em cada um o produto de um querer. Que a paz, a ordem e a calma impostas, ou por força àqueles que as não querem, ou por ardil aos que nem as conhecem, dão uma felicidade provisória, in tável, à mercê do jôgo de acções e reacções sociais.

Ora, para eu querer a paz, a ordem e a calma, tenho de conhecê-las através de um estado anterior de luta, de desordem e de inquietação, que, em muitos casos, nos é dado pela arte.

Essa é a sua função e a sua utilidade.

//

«O homem é tanto mais feliz quanto mais simples de espírito.»

Felicidade inconsciente e incompleta é essa. Tanto que, por impulso natural, o homem procura fugir-lhe e conhecer e saber. Tanto que um simples de espírito é feliz como qualquer outro animal, só porque desconhece que existe a infelicidade.

Essa felicidade, assim cega, não nos serve. Sinta-se a desgraça e construa-se, depois, uma ventura certa e segura; não como a do simples de espírito, que essa está à mercê do primeiro acaso que leve desconfiança e incerteza ao seu entendimento.

//

«Tôda a arte profundamente humana é imoral.»

Não, isso não. Não há arte imoral. Há pensamentos estéticos realizados que são morais ou imorais. Contudo, se a arte faz tender o homem para a perfeição, não se poderá chamar tal a um pensamento imperfeito, como são todos os imorais.

«Arte humana imoral!» Mas, há lá arte que não seja humana? Se arte é criação, só existe quando o homem cria, realiza o que concebeu. Nem sequer na natureza há arte. Aí apenas existe o belo. E nós chamamos arte à interpretação ou à criação do belo, mas pelo homem.

«Arte humana» querará dizer arte de finalidade humana, isto é, de análise e síntese humanas? Mas a arte é essencialmente harmonia realizada através de interpretação e actuação individuais. Harmonia imoral!... Nunca.

//

«Quem procura a intimidade do pensamento de um filósofo procura, em geral, certezas para continuar dormindo. Mas os artistas? Eis os perturbadores do nosso sono.»

E' certo isto. Simplesmente, se considerarmos que no sono consiste a felicidade do homem — o que é imensamente discutível — temos que será indispensável um *minimum* de certezas para que o repouso não seja perturbado. Ora, a aquisição de certezas é conse-

quência lógica e neces-ária da proposição anterior de dúvidas e quem pde essas dúvidas é, em muitos casos, a arte.

Se ela procura perturbar-nos o sono com *desconfianças*, é só para que estas sejam substituídas por *certezas* e se possa dormir depois com maior e mais séria segurança.

Por isso, o filósofo e o artista devem andar sempre ligados para serem completos... Lembrei-me agora mesmo de Antero.

//

Vim ouvir um concêrto. Vim a dormir e acordei para a intranquillidade imensa da felicidade impossível. Até aqui, eu dormia e era feliz.

«Lá fora o drama continua. Quantos de mão erguida para mim neste momento...»

Eu dormia até aqui. O piano acordou-me agora. E ao drama que se continua e às mãos que se estendem sempre digo agora: *não posso*, quando na realidade sou impotente ou então: *lutemos*, quando posso lutar.

Antes de ouvir o concêrto dormia. Só êle me acordou.

//

«Ouvir um artista não é tornarmo-nos mais penetrantes ou mais sábios; é sim tornarmo-nos mais nós próprios, identificarmos-nos com a essência da nossa personalidade.»

Sim, é isso. E o grupo formado por indivíduos que se identificam consigo próprios é um grupo de personalidades constituídas e integrais; é um grupo perfeito.

//

— Eu sou assim, diz o poeta ao outro homem. Lê êsse verso, vê o dinamismo desta estátua que eu sou tal qual o que lêste e o que viste. Quem mo disse? Foi a arte que me mostrou a mim próprio. E tu como és?

— Não sei, respondeu o outro homem.

— Pois bem. Se tu conheceres um dia com o que em ti podes contar, como eu o conheço hoje, vem e faremos por todos um mundo melhor.

//

«Não é quem vive na intimidade da obra de arte que goza a felicidade social.»

Pobre do artista que sofre como ninguém, que se tortura no horror do génio a fustigar-lhe as carnes e a alma. Pois, apesar disso, cria sempre. E' que se assim não fôsse, se não se exteriorizasse, enlouqueceria, sem dúvida. E quanto mesmo assim... Lembrei-me de novo de Antero...

Mas, os que passam inebriam-se e gozam das criações do génio. E, quando a vida má os desespera, recorrem ainda à arte:

— Diz-me como sofreu, como viveu, como morreu o artista, ou então:

— Diz-me mais, ó arte, se, além das misérias presentes, não existe a possibilidade de uma paz certa e segura.

E a arte os consola e fortalece.

//

«Quem será capaz de dizer, num momento de sinceridade extra-patriótica, que a existência de Camões é um dos factos mais importantes do nosso passado de portugueses?»

A certeza da existência actual funda-se na certeza duma existência anterior. Só poderei dizer *existe*, na medida em que puder afirmar *existiu*. Daqui vem que a história não é mais que a rememoração do passado, como elemento de certeza do presente.

Mas, se a história me dá puras e simples existências anteriores, a arte completa-a porque as valoriza. *Existiu*, diz a primeira; *existiu desta ou daquela forma*, afirma a segunda.

Houve no Egipto um povo que viveu séculos e séculos antes de Cristo, ensina a história. Êsse povo sentiu desta forma, pensou desta outra, contribuiu assim para a felicidade social, ajunta a arte.

E temos que a arte é o índice exacto do estado mental, do valor cultural dum povo. Não afirma simples existências; qualifica-as.

Se alguém me disser que a Idade-Média foi época de materialismo grosseiro, olhando as catedrais de flechas subindo no céu, maravilhosas de realização e de sentimento religioso, plenas de desprendimento terreno, matéria quasi espiritualizada, direi: é mentira.

Se alguém me afirmar que época de confusão cultural e de desordem espiritual foi a do século de Péricles, revendo a harmonia, o equilíbrio, a justeza de proporções de uma estátua de Fídias — e quem diz Fídias cita um exemplo — direi: é mentira.

Se alguém me disser que é tempo de certeza intelectual e de renúncias, por satisfação completa de espíritos êste nosso; eu, lendo versos dolorosos de angústia e fortes de resoluções e luta; vendo pinturas dinâmicas de dor e desespero; contemplando esculturas de peito saliente, atirado em frente para a conquista — sabe-se lá de que vélo de ouro —, punhos fechados em maldições horrendas, olhos desvaírados, cabelos em turbilhão, açoitados do vento agreste da desconfiança, direi: é mentira.

Posso dizer: Sou português. Mas o termo português conduz-me imediatamente à certeza de que o não sou por mim só; de que o sou porque outros o foram também, porque alguém houve que fêz Portugal.

Ora Camões dá-nos a certeza mais completa da existência anterior de Portugal e de portugueses. E digo *mais completa* porque êle não se limita a afirmar; houve homens neste terreno. Mostra-nos que êles foram cristãos, bons, valentes, ousados e amorosos. Dá-nos, portanto, os sinais indispensáveis para, entre os homens, distinguir o português.

Que a arte não afirma simples existências; qualifica-as.

//

«A arte é inútil talvez mesmo perigosa. A verdade, porém, é ela ser indispensável ao homem.»

Intranquillidade, luta, insatisfação, desejos de compreender, movimento, desespero, ódio e amor constituem uma vida completa. E, se o homem não quer *existir* apenas mas *sim viver*, é que a arte é necessária. E, quando ela der a todos a vida integral de-ajada, tornou-se finalmente a única e a suprema utilidade.

//

Dizer que a arte é inútil é negar-lhe outra finalidade que seja exterior e estranha ao próprio artista. E' afirmar que ela se faz só para si. E', numa palavra, a consagração da fórmula — *arte pela arte* —; uma enormidade.